

2008/02/01

QUE ESPERAR DA CIMEIRA DE BUCARESTE?

Alexandre Reis Rodrigues

Estamos a dois meses da Cimeira da NATO em Bucareste, mas ainda não está disponível qualquer informação sobre os temas que irão ser tratados; nem há notícias de que esteja em preparação qualquer documento de importância realmente decisiva para o futuro da Aliança. Iremos ter, portanto, mais uma Cimeira de “adiamentos”, que se irá ocupar sobretudo de assuntos correntes; ou seja, uma oportunidade perdida para tratar das questões de sobrevivência que a Aliança tem pela frente e que tardam a ser encaradas.



Não é difícil prever o que será a agenda; vai incluir o Afeganistão, o Kosovo, o alargamento a novos membros e, eventualmente, um novo tipo de parceria com os países do chamado Grupo de Contacto (em especial, a Austrália e a Nova Zelândia); abrangerá também a questão do Tratado CFE, o escudo de protecção antimíssil, a Força de Resposta da NATO e, possivelmente, o regresso da França à estrutura militar. Talvez se fale ainda dos objectivos para a Cimeira de Berlim, em 2009, para comemoração dos 60 anos da Aliança e, provavelmente, haverá também uma referência ao relacionamento com a UE.

São muitos assuntos; todos eles com relevo suficiente para ocupar os chefes de estado e de governo dos países membros durante a Cimeira, mas não será ainda desta vez que líderes da Aliança vão ter oportunidade de clarificar o que afinal pretendem da NATO. Se fosse esse o objectivo, o trabalho preparatório, uma base de discussão, teria que estar já pronto por esta altura; o começo lógico seria a elaboração de um novo conceito estratégico, o que daria a oportunidade de repensar as bases em que a NATO deve assentar a sua evolução e o seu relacionamento com outras organizações internacionais, muito em especial a União Europeia.

Muita coisa mudou desde 1999, quando foi aprovado o conceito estratégico em vigor, não só no ambiente de segurança como no funcionamento e forma de relacionamento da NATO que passou de uma organização de defesa colectiva de cariz geográfico e propósito único para uma agência de segurança de cariz funcional e propósitos múltiplos num âmbito global. Esta transição ainda não estabilizou; não tem contornos definidos; tem vindo mais por arrastamento, em função de acontecimentos externos, do que por decisão expressa dos países membros, o que não é, como se sabe, a melhor metodologia.

Está longe de ser claro o que se pretende que a NATO seja no futuro, principalmente se se deixar prolongar esta espécie de deriva estratégica que tem o risco de a poder levar a um modelo em que os actuais membros tenham dificuldade em se reverem. O alargamento, por exemplo, é uma questão essencial que está a ser conduzida com uma dinâmica, que me parece excessiva, quer em termos geográficos (novos membros, novos espaços de interesse), quer em termos funcionais (novos tipos de missões, eventuais novos esquemas de repartição de tarefas com outras organizações). O alargamento não deveria continuar a ser promovido activamente sem um esforço de clarificação sobre onde se deseja chegar e sob que condições porque, entre outros motivos, há custos materiais e políticos que precisam de ser ponderados.

É preciso reconhecer que existe uma diferença substancial entre manter a porta aberta a novas adesões sob critérios precisos e assumir uma postura proactiva de facilitação de novas entradas. No primeiro caso, podemos invocar o contributo importante na transformação política e militar dos países do Leste que vieram a aderir. O segundo caso é muito diferente; refiro o encorajamento e apoio dado à Geórgia e da Ucrânia, situações que comportam dificuldades políticas internas e reduzem as possibilidades de parceria com a Rússia, suscitando a inflamação do seu nacionalismo e o regresso a um discurso militarista que não serve a estabilidade.

Uma possível nova parceria, ou relacionamento privilegiado, com os países do Grupo de Contacto – que alguns designam como a «parceria dos ricos» - precisa também de ser melhor analisada. Vai diluir a natureza da NATO como aliança colectiva e “empurrar” mais a sua caracterização para uma espécie de coligação global para a gestão de crises, ou uma «mini-UN of like-minded nations», para usar a expressão de Charles A. Kupchan, um dos que mais adverte contra esse caminho. É essencial esclarecer por onde afinal se pretende ir, antes de se estabelecerem compromissos com esses países .

O relacionamento NATO/UE é uma questão central da evolução das duas organizações. É tempo de deixar de esperar que o Acordo Berlin-Plus e a orientação estabelecida no actual conceito estratégico (the ESDI will continue to be developed within NATO) possam constituir a base da arquitectura de cooperação estratégica na área da segurança, integrando as capacidades existentes em cada lado. Agora que os EUA parecem reconhecer que a UE pode ser útil à NATO, é preciso que esta mostre abertura para o estabelecimento de uma nova base de relacionamento.

Podem existir outras razões para o relacionamento problemático entre as duas organizações. As diferenças de percepção sobre as ameaças e a forma de lidar com elas são, com certeza, uma dessas razões; outra, pode ser o receio, que alguns referem, de que um relacionamento estreito pode abrir a porta a uma maior influência dos EUA na UE. Tudo isto precisa de ser discutido tendo em vista a procura de um entendimento.

Mas o mais importante de tudo é resolver a principal incongruência com que se debate a NATO: uma organização com vários candidatos a quererem entrar, nenhum dos actuais membros a querer sair ou sequer questionar a sua existência, mas em que apenas uma minoria se mostra disposta a honrar os compromissos assumidos, dando os contributos precisos para o cumprimento das missões aprovadas.

No passado, durante a Guerra Fria, a NATO funcionou perfeitamente como um elemento de dissuasão e contenção da União Soviética; cumpriu a sua missão sem nunca ter ido para o terreno, em intervenções militares; foi uma Aliança «in being». Agora está numa situação diferente; tem que ser uma Aliança «in doing»; a sua credibilidade depende do sucesso da prestação que conseguir ter na resolução das crises em que os seus membros decidirem envolvê-la. Poderá a Cimeira de Bucareste, ao menos, apontar caminho que ajude a assumir as implicações destas novas circunstâncias?

141 TEXTOS RELACIONADOS:

2012/05/23

AS DECLARAÇÕES FINAIS DA CIMEIRA DE CHICAGO

Alexandre Reis Rodrigues

2012/05/14

“SMART DEFENCE” NA CIMEIRA DE CHICAGO

Alexandre Reis Rodrigues

2012/05/05

A CIMEIRA DE CHICAGO E O RELACIONAMENTO TRANSATLÂNTICO

Alexandre Reis Rodrigues

2012/04/07

A DEFESA ANTIMÍSSIL NA EUROPA, DEPOIS DE LISBOA

Alexandre Reis Rodrigues

2012/03/28

A DESPESA COM AS FORÇAS ARMADAS E A LINGUAGEM DOS NÚMEROS

João Pires Neves[1]

2012/03/24

A CIMEIRA DE CHICAGO: RUMO AO FUTURO

Pedro Santos Jorge[1]

2011/10/14

A NATO E A PCSD DA UE, NO PÓS LÍBIA

Alexandre Reis Rodrigues

2011/07/22

DISSUAÇÃO SEM ARMAS NUCLEARES? (II)

Alexandre Reis Rodrigues

2011/05/24

A EXPANSÃO DA OTAN NA ÁSIA E SUAS IMPLICAÇÕES (RÚSSIA, CHINA E ÍNDIA)

Arthur Sá Anunciação[1]

2011/05/09

ESTUDOS SOBRE O FUTURO DO FENÓMENO DA GUERRA

João Nunes Vicente[1]

2011/04/25

ESTRATÉGIA DA NATO E SEGURANÇA MARÍTIMA[1]

Nuno Sardinha Monteiro[2]

2011/04/16

A INTERVENÇÃO DA NATO NA LÍBIA. FICÇÃO?

Alexandre Reis Rodrigues

2011/03/20

O DESTINO DE KHADAFI E A SEGURANÇA EUROPEIA

Alexandre Reis Rodrigues

2011/01/17

A EVOLUÇÃO DA POSTURA ESTRATÉGICA DA NATO[1]

Alexandre Reis Rodrigues

2010/12/19

A UE E O FUTURO DA COOPERAÇÃO ESTRUTURADA PERMANENTE

Alexandre Reis Rodrigues

2010/12/09

O CONCEITO ESTRATÉGICO DA NATO À ESPERA DA REUNIÃO DE MINISTROS DA DEFESA EM JUNHO[1]

Alexandre Reis Rodrigues

2010/11/26

O REGRESSO DO NUCLEAR E A ALIANÇA ATLÂNTICA (II PARTE)

Francisco Proença Garcia[1]

2010/11/25

O REGRESSO DO NUCLEAR E A ALIANÇA ATLÂNTICA (I PARTE)

Francisco Proença Garcia[1]

2010/11/16

A NATO E PORTUGAL. ALINHAMENTOS PARA UM NOVO CONCEITO ESTRATÉGICO DA ALIANÇA

Luís Brás Bernardino[1]

2010/11/07

As “NOVAS MISSÕES” DA NATO[1]

Alexandre Reis Rodrigues

2010/10/18

RÚSSIA, PARCEIRO INDISPENSÁVEL?

Alexandre Reis Rodrigues

2010/10/09

A SEGURANÇA ENERGÉTICA DA EUROPA E A NATO

Alexandre Reis Rodrigues

2010/09/24

O NOVO CONCEITO ESTRATÉGICO DA NATO. DUAS QUESTÕES POLÉMICAS[1]

Alexandre Reis Rodrigues

2010/09/21

OTAN 2020 – REFORÇO DA DEFESA COLECTIVA E AFIRMAÇÃO DA SEGURANÇA COOPERATIVA – O MODELO POSSÍVEL, NECESSÁRIO OU DE TRANSIÇÃO?

Rui Ribeiro Vieira[1]

2010/09/17

PORTUGAL, A NATO, O ATLÂNTICO SUL E O BRASIL

João Brandão Ferreira

2010/08/19

A DEFESA ANTI-MÍSSIL. PRIORIDADE PARA A NATO?

Alexandre Reis Rodrigues

2010/08/11

O QUE SERÁ VENCER NO AFGANISTÃO?

Alexandre Reis Rodrigues

2010/07/09

A INTERVENÇÃO MILITAR DA OTAN NA JUGOSLÁVIA[1]

Carlos Ruiz Ferreira[2] (Brasil)

2010/05/18

O RELATÓRIO ALBRIGHT

Alexandre Reis Rodrigues

2010/03/22

AS ARMAS NUCLEARES DA NATO

Alexandre Reis Rodrigues

2010/03/15

AS RELAÇÕES NATO/UE

Alexandre Reis Rodrigues

2010/02/19

TOWARDS A HOLISTIC VIEW OF WARFARE

João Vicente[1]

2010/02/16

DAS “NOVAS CRISES”: BREVES CONTRIBUTOS PARA A SUA CLARIFICAÇÃO CONCEPTUAL

Luís Falcão Escorrega[1]

2010/01/21

O PLANEAMENTO POR CENÁRIOS NUM MUNDO INCERTO

Daniela Siqueira Gomes

2010/01/04

INTELIGÊNCIA ESTRATÉGICA NA ACTUALIDADE - ENTENDIMENTO E APLICAÇÕES[1]

Nanahira de Rabelo e Sant'Anna[2] (Brasil)

2009/11/14

COMPROMISSOS BRASILEIROS COM A GLOBALIZAÇÃO: AS OPERAÇÕES DE PAZ?

Oliveiros S. Ferreira (Brasil)

2009/09/17

INTERNATIONAL SECURITY AND NATO[1]

Inês de Carvalho Narciso

2009/09/14

A «AFEGANIZAÇÃO» DA ESTRATÉGIA DA ISAF

Alexandre Reis Rodrigues

2009/09/01

AS ARMAS NUCLEARES E A REVISÃO DO CONCEITO ESTRATÉGICO DA NATO

Alexandre Reis Rodrigues

2009/07/28

O NOVO CONCEITO ESTRATÉGICO DA NATO

Alexandre Reis Rodrigues

2009/05/14

OS GRANDES DESAFIOS DA NATO[1]

Victor Marques dos Santos[2]

2009/05/13

A NATO[2]

Francisco Proença Garcia[1]

2009/04/07

A SOLUÇÃO POLÍTICA PARA O AFGANISTÃO E A UE

Alexandre Reis Rodrigues

2009/04/02

A REFORMA DA SEGURANÇA E DA DEFESA NA GUINÉ-BISSAU – O APOIO DA UNIÃO EUROPEIA

Luís Marquês Saraiva[1]

2009/03/31

REFORMA DO SECTOR DE SEGURANÇA – UM PERFIL MILITAR PÓS-MODERNO[1]

Luís Marquês Saraiva[2]

2009/03/25

A CIMEIRA DOS 60 ANOS DA NATO E A UNIÃO EUROPEIA

Alexandre Reis Rodrigues

2009/02/01

QUO VADIS NATO? – OS GRANDES REPTOS PARA A ALIANÇA

Luís Falcão [1]

2008/11/07

ESDP IN STRATEGIC NEIGHBOURHOODS: PROMISES OF STABILITY THROUGH INTERNATIONAL MILITARY COOPERATION

Sandra Fernandes e Luís Saraiva

2008/10/24

RÚSSIA - A DOCTRINA MEDVEDEV

Alexandre Reis Rodrigues

2008/10/01

A NATO, A UCRÂNIA E A ESQUADRA RUSSA DO MAR NEGRO

Alexandre Reis Rodrigues

2008/09/06

A TURQUIA E O CONFLITO NA GEÓRGIA

Alexandre Reis Rodrigues

2008/08/27

ATÉ ONDE IRÁ A RÚSSIA, DEPOIS DA GEÓRGIA

Alexandre Reis Rodrigues

2008/08/20

A GEÓRGIA E O RELACIONAMENTO DO OCIDENTE COM A RÚSSIA

Alexandre Reis Rodrigues

2008/08/14

OS ACONTECIMENTOS NO CÁUCASO E OS JOGOS OLÍMPICOS

Luís Falcão

2008/08/11

GEÓRGIA: MAIS LONGE DA NATO

Alexandre Reis Rodrigues

2008/07/28

O KOSOVO E A PRISÃO DE RADOVAN KARADZIC

Alexandre Reis Rodrigues

2008/07/20

O IMPASSE IRANIANO

Alexandre Reis Rodrigues

2008/06/26

SUBVERSÃO E CONTRA-SUBVERSÃO [1]

Francisco Proença Garcia[2]

2008/05/14

A “NOVA” RÚSSIA

Alexandre Reis Rodrigues

2008/04/26

OS SISTEMAS LOGÍSTICOS NAS ORGANIZAÇÕES INTERNACIONAIS

Pereira de Melo[1]

2008/04/09

A CIMEIRA DE BUCARESTE E O “ALARGAMENTO” DA NATO

Alexandre Reis Rodrigues

2008/03/25

O QUE SERÁ A RÚSSIA DE MEDVEDEV?

Alexandre Reis Rodrigues

2008/03/07

QUE ESTRATÉGIA SEGUIRÁ A RÚSSIA NA INDEPENDÊNCIA DO KOSOVO?

Alexandre Reis Rodrigues

2008/02/12

A INDEPENDÊNCIA DO KOSOVO: UMA PERDA ESTRATÉGICA PARA A EUROPA

Alexandre Reis Rodrigues

2008/01/06

CRIMINALIDADE ORGANIZADA, TERRORISMO E INTELLIGENCE NA ERA DA GLOBALIZAÇÃO[1]

Fernando Silva Chambel[2]

2008/01/02

AS IMPLICAÇÕES DO SISTEMA NORTE-AMERICANO DE DEFESA ANTIMÍSSIL PARA A EUROPA

Joana Gonçalves, Milena Batista, Sofia Alves e Tiago Maurício

2007/12/28

PORQUE ESTÁ EM CAUSA O TRATADO CFE

Alexandre Reis Rodrigues

2007/12/27

RÚSSIA SUSPENDE PARTICIPAÇÃO NO TRATADO DE FORÇAS CONVENCIONAIS DA EUROPA

Marcelo Rech[1]

2007/12/21

KOSOVO. MAIS UM COMPASSO DE ESPERA!

Alexandre Reis Rodrigues

2007/12/16

PARA ALÉM DA GUERRA[1]

Sandro Mendonça[2]

2007/12/12

A MELHOR FORMA DE COMEMORAR OS 60 ANOS DA NATO

Alexandre Reis Rodrigues

2007/11/30

KOSOVO: A ATRACÇÃO DA INDEPENDÊNCIA

Alexandre Reis Rodrigues

2007/11/11

WAR IN THE XXI CENTURY[1]

Francisco Proença Garcia

2007/10/21

DARFUR: O SILÊNCIO E A ESPERANÇA DA ÚLTIMA FRONTEIRA

Francisco José Leandro

2007/10/11

A GEÓRGIA E A NATO

Alexandre Reis Rodrigues

2007/10/04

A RÚSSIA PÓS PUTIN

Alexandre Reis Rodrigues

2007/09/17

UCRÂNIA. ELEIÇÕES DENTRO DE DUAS SEMANAS

Alexandre Reis Rodrigues

2007/09/17

AFEGANISTÃO FORA DE CONTROLE

Marcelo Rech[1]

2007/08/03

RÚSSIA DECLARA MORATÓRIA AO TRATADO DE REDUÇÃO DAS FORÇAS CONVENCIONAIS NA EUROPA

Marcelo Rech[1]

2007/07/29

A VERTENTE DE MANUTENÇÃO DA PAZ DA NATO: UMA DUPLICAÇÃO DO PAPEL DAS NAÇÕES UNIDAS?

Nélia Rosário Ribeiro

2007/07/26

DE UMA FORMA OU DE OUTRA

Alexandre Reis Rodrigues

2007/07/02

A IMPORTÂNCIA GEOESTRATÉGICA DA LITUÂNIA

Daniela Siqueira Gomes[i]

2007/06/25

A DEFESA COLECTIVA DA EUROPA. RESPONSABILIDADE DA NATO? (II PARTE)

Alexandre Reis Rodrigues

2007/05/25

A HERANÇA ALEMÃ PARA A PRESIDÊNCIA PORTUGUESA DA UE

Alexandre Reis Rodrigues

2007/05/19

A DEFESA COLECTIVA DA EUROPA: RESPONSABILIDADE DA NATO?[1]

Alexandre reis Rodrigues

2007/04/27

POLÍTICA DE DEFESA E INTELIGÊNCIA ESTRATÉGICA: PRIORIDADES PARA UM PAÍS COMO O BRASIL [1]

Fábio Pereira Ribeiro[2]

2007/04/19

THE TALIBAN THREAT IS NOT JUST AMERICA'S BURDEN[1]

Robert Hunter[2]

2007/04/15

SEGURANÇA E DEFESA: UM ÚNICO DOMÍNIO?

Francisco Manuel Gomes[1]

2007/04/01

A DEFESA ANTIMÍSSIL NA EUROPA. UM PROBLEMA PARA A PRESIDÊNCIA PORTUGUESA DA UE?

Alexandre Reis Rodrigues

2007/03/24

O CONCEITO DE GEOPOLÍTICA: UMA APROXIMAÇÃO HISTÓRICA E EVOLUTIVA (3ª PARTE)

Eduardo Silvestre dos Santos

2007/03/23

O CONCEITO DE GEOPOLÍTICA: UMA APROXIMAÇÃO HISTÓRICA E EVOLUTIVA (2ª PARTE)

Eduardo Silvestre dos Santos

2007/02/20

UMA PARCERIA COM A RÚSSIA. É POSSÍVEL PARA O CURTO PRAZO?

Alexandre Reis Rodrigues

2007/02/13

A (R)EVOLUÇÃO DO PENSAMENTO ESTRATÉGICO[1]

João Vicente[2]

2007/01/20

O CERCO DA EUROPA E AS NOVAS REALIDADES GEOPOLÍTICAS (III PARTE)

João Brandão Ferreira

2007/01/19

O CERCO DA EUROPA E AS NOVAS REALIDADES GEOEPOLÍTICAS (II PARTE)

João Brandão Ferreira

2007/01/18

O CERCO DA EUROPA E AS NOVAS REALIDADES GEOPOLÍTICAS (I PARTE)[1]

João Brandão Ferreira

2006/11/23

LAS GUERRAS QUE NOS VIENEN

Miguel Fernández y Fernández [1]

2006/10/27

A GEÓRGIA E A NATO

Alexandre Reis Rodrigues

2006/10/26

A CAMINHO DE RIGA, PELO AFEGANISTÃO[2]

Miguel Moreira Freire[1]

2006/10/26

A GEOPOLÍTICA DE RATZEL, LA BLACHE E KJELLEN E O ECLODIR DA I GRANDE GUERRA

Hugo Palma[1]

2006/10/19

A UTILIDADE DA FORÇA. A ARTE DA GUERRA NO MUNDO MODERNO[1]

Miguel Moreira Freire

2006/09/11

O IMPASSE AFEGÃO

Alexandre Reis Rodrigues

2006/08/13

UM ACORDO DE CESSAR-FOGO SEM DATA MARCADA?

Alexandre Reis Rodrigues

2006/08/07

LÍBANO. AS SAÍDAS DA CRISE

Alexandre Reis Rodrigues

2006/08/02

A ESTRATÉGIA DO HEZBOLLAH NA GUERRA CONTRA ISRAEL

Alexandre Reis Rodrigues

2006/08/01

A ESTRATÉGIA ISRAELITA NO LÍBANO. ACABARAM AS VITÓRIAS RÁPIDAS?

Alexandre Reis Rodrigues

2006/07/30

LA OTAN Y LA TRANSFORMACION[1]

Miguel Fernández y Fernández (Alm. da Marinha de Espanha)

2006/07/20

AFEGANISTÃO. A HISTÓRIA VAI REPETIR-SE?

Alexandre Reis Rodrigues

2006/07/18

O FUTURO DA NATO

António Borges de Carvalho

2006/07/17

A CIMEIRA DA NATO EM RIGA

Alexandre Reis Rodrigues

2006/04/27

A SEGURANÇA ENERGÉTICA

Alexandre Reis Rodrigues

2006/04/06

A SEXTA GUERRA DE INDEPENDÊNCIA

João Brandão Ferreira

2006/01/22

EXISTEM FORÇAS PARA AS MISSÕES?

João Nuno Barbosa

2006/01/03

CONCEITOS E ESTRATÉGIAS. O FIM DO PORTUGAL DO MINHO A TIMOR

João Brandão Ferreira

2005/12/18

É TEMPO DE MUDAR! DIZ AZNAR.

Alexandre Reis Rodrigues

2005/11/29

NATO OU PESD? OU AMBAS?

Alexandre Reis Rodrigues

2005/11/03

A TRANSFORMAÇÃO DOS CONFLITOS ARMADOS E AS FORÇAS RMC

Francisco Proença Garcia

2005/11/01

UCRÂNIA. A CAMINHO DA NATO?

Alexandre Reis Rodrigues

2005/10/06

O QUE FARIAM OS EUROPEUS SEM A NATO?

Alexandre Reis Rodrigues

2005/09/23

AS AMEAÇAS TRANSNACIONAIS E A SEGURANÇA DOS ESTADOS

Francisco Proença Garcia

2005/09/23

AS GUERRAS DO TERCEIRO TIPO E A ESTRATÉGIA MILITAR

Francisco Proença Garcia

2005/07/17

A PRESIDÊNCIA BRITÂNICA DA UNIÃO EUROPEIA

Alexandre Reis Rodrigues

2004/12/13

A NOVA OTAN?

Maria João Militão Ferreira

2004/10/29

A AGÊNCIA EUROPEIA DE SEGURANÇA MARÍTIMA E A AUTORIDADE DO ESTADO NO MAR [1]

Francisco Duarte Lima

2004/10/12

UMA NOVA DOCTRINA DE SEGURANÇA PARA A EUROPA

Alexandre Reis Rodrigues

2004/08/10

A NATO E A CIMEIRA DE ISTAMBUL

Alexandre Reis Rodrigues

2004/05/14

A DEFESA EUROPEIA

Alexandre Reis Rodrigues

2004/04/08

O ALARGAMENTO DA NATO

Alexandre Reis Rodrigues

2004/04/08

O ALARGAMENTO DA NATO

Alexandre Reis Rodrigues

2004/03/21

A TURQUIA E A UNIÃO EUROPEIA

João Vieira Borges

2004/03/16

A NATO E O MÉDIO ORIENTE

Alexandre Reis Rodrigues

2004/02/23

SEGURANÇA E DEFESA NA UNIÃO EUROPEIA; DO DESCONHECIMENTO À PROSPECTIVA

João Vieira Borges

2004/02/19

A UE E A RÚSSIA

António Silva Ribeiro

2004/01/07

A TRANSFORMATION EN LA OTAN

Almirante SPN Miguel A. Fernández y Fernández (SACLANTREPEUR)

2003/12/03

A FORÇA DE RESPOSTA DA NATO (V)

Alexandre Reis Rodrigues

2003/11/11

A FORÇA DE RESPOSTA DA NATO (IV)

Alexandre Reis Rodrigues

2003/10/27

AS CRISES DA NATO

Alexandre Reis Rodrigues

2003/10/20

A FORÇA DE RESPOSTA DA NATO (III)

Alexandre Reis Rodrigues

2003/10/09

A FORÇA DE RESPOSTA DA NATO (II)

Alexandre Reis Rodrigues

2003/10/08

A FORÇA DE RESPOSTA DA NATO

Alexandre Reis Rodrigues

2003/09/30

PORTUGAL E A ZEE DA UNIÃO EUROPEIA

João Vieira Borges